

OS SALINEIROS DE ALCOCHETE ESTÃO HÁ UM MÊS EM GREVE!

A FOME CAMPEIA NOS SEUS LARES

QUE TODOS OS TRABALHADORES LHE PRESTEM AUXÍLIO!

Cansados de reclamar em vão a melhoria dos seus salários e condições humanas para a sua dura faina e ao mesmo tempo indignados com as sujas traficâncias de alguns grandes industriais do sal e de dirigentes sem escrúpulos da Casa do Povo, os valentes salineiros de Alcochete, em número superior a 700, resolveram recorrer à greve e abandonar o trabalho no passado dia 29 de Julho.

As condições de trabalho e de remuneração impostas a estes trabalhadores são das mais duras e desumanas. Durante os 3 meses que dura a safra do sal os salineiros são obrigados a carregar canastras com um peso superior a 60 quilos com os pés medidos em água salgada e lodosa que lhes abre chagas difíceis de sarar. E é por este duro trabalho que lhes é pago um salário de 30\$00, estabelecido há 6 anos num contrato colectivo de trabalho em que nem sequer foram ouvidos.

Sabendo-se como subiu o custo de vida e que o moio de sal custando em 1951 50\$00 é agora transaccionado por 800, apenas pela especulação dos grandes industriais salineiros, (o nosso povo está agora a pagá-lo a 10 tostões cada litro) vê-se como são razoáveis e justos os pedidos dos trabalhadores salineiros. Este ano, porém, devido a uma vergonhosa combinação entre o maior industrial da região, Quintela, e os dirigentes da Casa do Povo, foi forjado um compromisso falsamente em nome dos trabalhadores salineiros em que estes se «*compromettam*» a não reclamar aumento de salários durante 5 anos (!) isto em troca dum empréstimo do Quintela à Casa do Povo no montante de 45 contos.

Esta odiosa traficância causou a maior indignação à população laboriosa de Alcochete que desde a primeira hora deu todo o seu apoio à luta dos valentes trabalhadores salineiros que reclamavam um salário de 50\$00 para o transporte e 65 para a frega do sal. O próprio padre da igreja local, que experimentou carregar 2 canastras, afirmou que nem pelo dobro do salário se poderia fazer tal trabalho.

Esgotados todos os recursos para fazerem ouvir as suas razões os valentes salineiros de Alcochete, enfrentando a fome e a repressão, abandonaram corajosamente o trabalho, organizaram os seus piquetes de greve e durante vários dias toda a actividade nas salinas esteve paralizada.

Que fez o governo?

Mostrando uma vez mais que o interesse apregoado pelo Ministro das Corporações em relação aos trabalhadores não passa dum falsidade, o governo mandou ocupar a povoação e guardar as estradas pela PIDE e pela GNR e tenta abafar pelo terror e pela intimidação a luta dos trabalhadores

e do povo de Alcochete. A PIDE e a GNR prenderam até agora 35 grévistas lançando assim na maior miséria numerosas famílias que não têm outro amparo que o braço dos seus chefes. Os grandes industriais, em especial o Quintela e o Dias de Sousa ajudados pela PIDE e pela GNR, em cuja acção terrorista se tem destacado o cabo Falcato, contrataram gente doutros locais dos arredores e mulheres das secas do bacalhau e das descargas do Porto de Lisboa a quem pagam 50\$00 e asseguram as deslocções das respectivas localidades. Muitos trabalhadores doutras terras (Samouco, Montijo, Vila Franca, Samora, Benavente e outras) numa bela manifestação de solidariedade com os trabalhadores alcochetanos, recusaram-se a furar a greve mas outros menos conscientes prestaram-se a fazer o jogo das Quintela & C.^ª e muito prejudicaram assim a luta dos salineiros de Alcochete.

As autoridades e os industriais conjugam-se para reduzir pela fome os trabalhadores. Um peixeiro que vendia o peixe fiado aos prévistas foi expulso da localidade pela GNR e impedido de vender ali a sua mercadoria.

Os salineiros de Alcochete não estão sózinhos

A greve dos salineiros alcochetanos despertou a solidariedade e o apoio da população local e dos trabalhadores da Margem Sul do Tejo. Desde o primeiro dia os comerciantes e padeiros de Alcochete se prontificaram a fornecer-lhes os géneros e o pão a crédito.

No Montijo, Barreiro, Almada, Selúbal e Seixal cresce um movimento de ajuda moral e material aos grévistas. Vários donativos foram já recolhidos e entregues às famílias dos trabalhadores salineiros e várias cartas e representações foram enviadas às autoridades protestando contra a repressão e reclamando a libertação dos trabalhadores presos.

A greve dos salineiros de Alcochete é já hoje conhecida fora do país. Rádio Moscovo noticiou-a e a poderosa Federação Sindical Mundial decidiu dar aos grévistas alcochetanos o seu apoio moral e material. Vê-se assim que a luta dos trabalhadores por melhores salários encontra eco em todo o povo português e é susceptível de mobilizar forças importantes no país e no estrangeiro em seu apoio. Esta ajuda é um incentivo para novas lutas, para novas greves como meio de fazer valer as reivindicações dos trabalhadores tal como acabam de demonstrar valentemente os salineiros alcochetanos.

Apoiemos a luta destes heróicos trabalhadores, intensifiquemos a campanha de solidariedade moral e material aos grévistas e suas famílias, reclamemos a libertação dos presos e condições humanas e razoáveis para o seu trabalho.

SEPARATA DO «AVANTE!» - N.º 241 AGOSTO DE 1957

(LEIA E DIFUNDA)

